

# *Cuiabá de Outrora*: nos caminhos da memória de Lenine de Campos Póvoas

Maria Teresa Carrión Carracedo<sup>23</sup>

Aclyse de Mattos<sup>24</sup>

## O livro e o contexto da obra

O livro *Cuiabá de outrora: testemunho ocular de uma época* foi publicado em 1983 pelo sistema *offset*, impresso na editora Resenha Tributária, em São Paulo. A edição busca a modernidade e simplificação ao utilizar fonte sem serifa (*sans-serif*) no corpo do texto e títulos no interior de todo o livro – tendência verificada na moderníssima Bauhaus, escola alemã de Design criada em 1919. Vinte imagens com impressão a partir de fotolitos compõem o interior da edição, com a reprodução de fotos originais e de imagens já impressas, o que pode ser verificado pela ocorrência de rosetas – efeito que se apresenta ao imprimir uma imagem que já foi reticulada em processo de impressão anterior. A capa, também ilustrada por antiga imagem fotográfica da matriz do Senhor Bom Jesus de Cuiabá no início do século XX. No formato 14 x 21 cm e 212 páginas, costurado a linha. O livro não tem registro de ISBN, Catalogação ou ficha catalográfica e nenhuma ficha técnica. Portanto, não sabemos quem fez a composição dos textos, a revisão e a diagramação... O sumário destaca 51 crônicas reunidas, além do prefácio, escrito pelo próprio autor. Esses textos, segundo relata o autor, já tinham sido publicados no jornal

---

23 É editora, jornalista, comunicóloga e designer gráfico; licenciada em Geografia pela UFMT (1989), bacharel em Propaganda e Marketing pela Universidade de Cuiabá, Unic (2004); “Máster em Edición” pela Universidade de Salamanca, Espanha (2010); editora da Entrelinhas desde a sua fundação, em 1993, com publicações acadêmicas, literárias, didáticas, culturais, de arte, técnicas e jornalísticas.

24 Professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Mestre pela ECA-USP e doutor em Comunicação pelo PPGCOM - UFMG. Membro da Academia Mato-Grossense de Letras (Cadeira 3).

“*O Estado de Mato Grosso*”, principal veículo de comunicação de Mato Grosso em sua época.

Quando Lenine C. Póvoas publicou “*Cuiabá de outrora*” (1983), a capital mato-grossense iniciava a década com 220 mil habitantes, segundo o Censo do IBGE. A maioria dos relatos do livro, que registra as memórias e vivências do autor a partir de 1930, começa quando Cuiabá teria aproximadamente 44 mil habitantes. Chegou a 1970 com 104 mil habitantes, na década da sua divisão territorial. Na atualidade, em 2020 a população estimada ultrapassou os 618 mil.

Sobre a obra publicada de Lenine C. Póvoas cabe observar que ele publicou o seu primeiro livro em 1944, no Rio de Janeiro. Publicou 17 livros, sendo que destes, quatro receberam uma segunda edição. Entremearam-se 16 livretos com temáticas diversas, dezenas de outros textos, entre artigos e discursos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, entre os anos de 1952 e 2000 – sem contar os artigos em jornais e revistas ao longo de décadas. A maioria de suas publicações veio à luz na década de 1980, com 14 títulos.

“*Cuiabá de outrora*” caracteriza-se como uma edição de autor. E a informação que temos é que toda a extensa obra publicada por Lenine C. Póvoas teve financiamento próprio.

Dos títulos que publicou, alguns devem complementar uma visão de Cuiabá e Mato Grosso no século XX: “*Sobrados e casas senhoriais de Cuiabá*”, “*História da Cultura Mato-grossense*”, “*Reminiscências*”, “*Cuiabanidade*” (crônicas sobre Cuiabá e sua gente), “*Italianos em Mato Grosso*” e “*As raízes portuguesas de Cuiabá*”.

## A Imprensa

Em *Cuiabá de outrora* Lenine nos conta sobre a Imprensa em Cuiabá, nos idos de 1920, com uma população de 33,7 mil habitantes, “*com tantos e tão bons jornais como os que nela circularam*”. E se espanta com as dificuldades materiais com que se faziam os jornais – nos tempos da tipografia, em que a composição dos textos era realizada com os tipos móveis, catados a mão pelo tipógrafo. O que não foi dito é que o tipógrafo montava as linhas de texto de traz para frente, de cabeça para baixo, letra por letra, linha por linha, estruturando os blocos de texto de forma totalmente artesanal.

Eram duas as provas de revisão. A primeira, quando um rolo de tinta era passado sobre o bloco de texto e sobre ela se pressionava uma folha de papel. E a segunda, quando a página inteira ia para uma impressora plana acionada a pedal, utilizada naquela época. As imagens impressas na época eram esculpidas em madeira, com canivete.

As impressoras *Marinoni*, de cilindros, representaram grande evolução na impressão dos jornais, muito mais rápidas que os equipamentos planos.

Lenine relata que, de 1839 até 1939 (nos 100 anos da imprensa mato-grossense), mais de 120 jornais “*sugiram, circularam e desapareceram*”. O primeiro foi o *Themis Matto-grossense*, impresso pela Tipografia Provincial de Matto-Grosso.

O jornalista Pedro Rocha Jucá no seu livro sobre os 170 anos da Imprensa Oficial de Mato Grosso, relata que a Tipografia Provincial, a primeira de Mato Grosso, lançou o primeiro jornal da província e foi o primeiro setor da administração pública mato-grossense. Foi um avanço na área da cultura, promovendo a arte de escrever e o hábito da leitura com o lançamento do *Themis Matto-grossense*.

O primeiro tipógrafo de Mato Grosso, Francisco José de Melo, veio de Meia Ponte, atual Pirenópolis, em Goiás,

em 1839. Como primeiro diretor da Tipografia Provincial, desempenhou outras atividades na área das artes gráficas: chefe de oficina, coordenador da composição, paginador e impressor, além de ensinar a nova profissão aos que foram recrutados para trabalhar na Tipografia Provincial.

Nas comemorações do primeiro centenário da imprensa mato-grossense, aos 14 de agosto de 1939, o governo Júlio Müller modernizou o parque gráfico da Imprensa Oficial do Estado com a introdução das primeiras linotipos e de uma impressora rotativa Man, a primeira do Centro-Oeste, com capacidade para a impressão de milhares de jornais por hora.

A linotipo, máquina que integrava uma composição, fundição e teclado, introduz em Mato Grosso o então moderno sistema *hot type* (composição a quente). Realiza a composição dos textos dos jornais a partir da fundição das linhas em chumbo, a 270 graus Celsius. Essas “linhas” eram resfriadas e montadas sequencialmente em blocos de texto que eram acoplados em suportes de metal no tamanho da página do jornal. Suas matrizes são em baixo relevo, justapostas em um componedor.

O sistema de composição por linotipos funcionou em Cuiabá em diversos jornais até a década de 1970. A partir dessa década começaram a funcionar os primeiros sistemas de composição a frio (*cold type*), por meio de componedoras fotográficas.

O jornalista Archimedes Pereira Lima, diretor da Imprensa Oficial e responsável pelo processo de modernização implantado, inaugura, também no bojo das comemorações do Centenário da Imprensa Mato-grossense e às vésperas do início da Segunda Guerra, o jornal diário *O Estado de Mato Grosso* – servido por diversas agências de notícias, com o novo padrão editorial dos grandes órgãos de imprensa, sessões especializadas e muito ilustrado – representou uma revolução.

Outros jornais da capital mato-grossense procuraram seguir-lhe o exemplo: o *Diário de Cuiabá*, fundado em 1969, o *Jornal do Dia*, fundado em 1980, *A Gazeta*, fundado em 1987.

Relatos que atualizem a história da imprensa mato-grossense a partir dos registros de Lenine C. Póvoas, em um pouco mais de quatro décadas, passam pela posição hegemônica dos jornais impressos, pelo rádio, pela televisão, agências de notícias e suas sucursais, pelos *sites* de notícias, jornais *online* e agora pelas diversas mídias sociais. No mundo globalizado a comunicação é instantânea e os produtores de conteúdos e versões (de fatos e *fake news*) são incontáveis.

Muitos estudos acadêmicos por parte de dezenas de pesquisadores serão necessários para radiografar e analisar os fenômenos de comunicação destas últimas quatro décadas: veículos, tecnologias, processos, profissionais...

## A Biblioteca Pública Estadual e o Arquivo Público

Chama a atenção dos pesquisadores e dos que se interessam pela História de Mato Grosso os caminhos penosos trilhados pela Biblioteca Pública Estevão de Mendonça – a maior biblioteca do Estado, pertencente ao Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas –, e a Superintendência de Arquivo Público do Estado.

Segundo os registros encontrados por Lenine Póvoas no livro *Datas Matogrossenses*, de Estevão de Mendonça, a Biblioteca Pública do Estado foi solenemente instalada em 3 de maio de 1912 – criada por decreto em 26 de março desse ano. Foi instalada na rua Joaquim Murtinho nº 8 e começou a constituir o seu acervo com mais de 1.000 volumes. Hoje, prestes a completar 109 anos, conta com um acervo físico de aproximadamente 70 mil volumes.

Lenine nos conta que, curiosamente, sem que houvesse ato oficial, foram encaminhados para a Biblioteca documentos da administração Estadual para serem guardados.

A Lei Orçamentaria de 1931 fez referência à Biblioteca e Arquivo Público. Da rua Joaquim Murtinho a Biblioteca foi transferida para a Galdino Pimentel, depois para a rua Antônio João.

Houve momento em que a Biblioteca Pública, sem nenhum apoio do poder público, esteve “comprimida” em um apartamento residencial na rua Cândido Mariano, sem a mínima condição de funcionamento. Os livros estavam empilhados em guarda-roupas embutidos, sem ventilação, à mercê das traças.

Chega a ser inacreditável que a Biblioteca tenha sido relegada a esta condição, felizmente revertida quando o governo Garcia Neto criou a Fundação Cultural de Mato Grosso e a incorporou à sua estrutura. Quando Lenine Póvoas assumiu a presidência da Fundação Cultural, a sua primeira providência foi trazer o dilapidado acervo, da rua Cândido Mariano, para os amplos salões do Palácio da Instrução, destinado pelo governador Garcia Neto como sede da Fundação Cultural.

*“Nessa mudança, centenas de livros não puderam ser aproveitados, porque se desfaziam, ao contato com as mãos, tão corroídos estavam pelos bichos”*, nos conta Lenine Póvoas. Essa mudança foi realizada sob a supervisão de Cenita Bertholdo Soares, então diretora da Biblioteca. Estantes metálicas foram adquiridas, os livros foram catalogados, os fichários começaram a ser organizados e salas de leitura com novo mobiliário foram instaladas.

Segundo Lenine, naquele momento foi suspenso o empréstimo de livros – atividade que resultou grande prejuízo ao acervo da Biblioteca ao longo das últimas décadas, conforme relatou Nilo Póvoas na década de 1960 – o hábito de leitura em casa com o empréstimo dos livros, que vinha desde o governo Júlio Müller (1937-1945), dilapidou o acervo da Biblioteca. Na década de 1980, o acervo da Biblioteca Pública Estadual superou os 30 mil livros.

Após a mudança da Biblioteca para o Palácio da Instrução, duas preciosas bibliotecas particulares foram incorporadas ao seu Acervo: a do Dr. José Jaime Ferreira de Vasconcelos, vinda de Campo Grande para Cuiabá, e a do professor Fernando Leite de Campos, doada à Fundação Cultural, com *“raridades que muitas bibliotecas importantes do Brasil e de Portugal se orgulhariam de possuir, como por exemplo ‘Décadas’, de João de Barros, famoso escritor português do século XVI”*, registra Lenine.

Nos últimos 40 anos, foram muitas as agruras pelas quais passou a Biblioteca Pública Estevão de Mendonça, que hoje, ainda com poucos recursos para alimentar sua estrutura e acervo, procura se reinventar, assim como o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas, do qual participam bibliotecas municipais e comunitárias. As ações que visam a reativação e abertura de bibliotecas nos municípios, contam com a ação abnegada de poucas e boas profissionais, cujas ações têm como suporte principal o ideal de compartilhar o poder transformador do livro e da literatura com as comunidades próximas ou muito distantes.

Até o momento em que escrevemos este artigo, não existe no Estado, por exemplo, uma política de incentivo à cadeia produtiva do livro em Mato Grosso, mesmo que ela exija pouquíssimos investimentos por parte de um Estado que a cada ano bate recordes de produção e arrecadação na área do agronegócio. Nem mesmo as obras de referência de autores mato-grossenses, sejam literárias, didáticas ou paradidáticas, são adquiridas pelo Estado para disponibilização à comunidade leitora e escolar nesses equipamentos públicos. O Plano Estadual do Livro, Leitura, Literatura e Bibliotecas de Mato Grosso (PELLLB-MT), que a exemplo do Plano Nacional do Livro estabelece diretrizes para incentivo às bibliotecas, autores, editores, distribuidores, livreiros e mediadores de leitura, se arrasta desde 2006, na dependência da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso em aprovar esse instrumento destinando-lhe recursos e definindo ações de incentivo ao livro e à leitura!

## O Arquivo Público do Estado de Mato Grosso

Lenine Póvoas registra que desde o período colonial há notícias de que os governantes se preocupavam em “*dispensar cuidados aos documentos oficiais*” da administração. Durante o Império, esses documentos “*continuaram entregues ao zelo dos funcionários da Secretaria do Governo*”, onde, nessa época, criou-se a função de Oficial Arquivista para cuidar dessa documentação.

Nos primeiros anos da República recém-criada, o presidente do Estado Antônio Corrêa da Costa (1895-1897) investiu na organização do Arquivo Público da Secretaria da Presidência do Estado. E contratou o professor Estevão de Mendonça para esse trabalho.

Os documentos mais preciosos da história mato-grossense até aquela data foram acondicionados nas primeiras 133 caixas metálicas (produzidas com latas de folhas de flandres) encomendadas por Estevão de Mendonça ao Sr. Pedro Jarcem e confeccionadas em Cuiabá. Esse trabalho iniciado pelo professor Estevão de Mendonça não teve continuidade. Em 1937, Vera Randazzo, então diretora do Arquivo, relatou que Biblioteca e Arquivo conviveram como uma só “repartição” por várias décadas, sem o suporte necessário para uma organização adequada.

Os preciosos documentos do Arquivo Público chegaram a situação tal de abandono no início da década de 1970, que parte do seu acervo chegou a ser depositado em uma casa grande e antiga da Rua Barão de Melgaço.

Lenine Póvoas registra que em fins de 1972 foi criada a Secretaria de Administração do Estado e que assumiu, como seu primeiro secretário, com a missão de implantá-la. Nessa ocasião o Arquivo Público Estadual foi separado da Biblioteca e passou a fazer parte da recém-criada secretaria. Lenine convidou Vera Randazzo, que com “*energia e inextinguível dedicação, procurou salvar o que restava do patrimônio histórico documental de Mato Grosso*”.



Esse acervo, conta Lenine Póvoas, desprezado como se fosse lixo, estava espalhado em cinco lugares diferentes: na casa da rua Barão de Melgaço; em um galpão da rua Floriano Peixoto; em um prédio no Coxipó da Ponte; na rua Cândido Mariano, ainda junto à Biblioteca, e a quinta parte em um dos porões do Palácio Alencastro.

Lenine Póvoas nos revela em *Cuiabá de outrora*, certamente estupefato, que “*tudo era caos*”. Impressionante foi encontrar parte do acervo na rua Barão de Melgaço, com os “papeis” amontoados em salas cheias de goteiras. Os documentos eram carregados pelas águas por baixo das portas, alcançando as ruas, na hora da chuva. Além das águas e da umidade, os documentos também estavam entregues às traças, cupins, baratas, aranhas, escorpiões, sapos e até a cobras! Lenine Póvoas fotografou o estado deste acervo, e certamente essas imagens nos serão reveladas, um dia, quando o seu acervo for organizado e catalogado.

E a história continua: tudo foi levado para um só endereço, na Caixa D'Água Velha. Cinquenta viagens de caminhão foram necessárias para transportar mais de 300 toneladas de papéis e livros! Nesse prédio teve início o trabalho de recuperação do Arquivo: desinfecção, separação, organização de coleções, para posterior catalogação. A única coleção completa do *Diário Oficial do Estado* existente, que caminhava para a sua completa deterioração, foi recomposta e encadernada. Dezenas de velhas estantes de madeira, quebradas e infestadas de bichos, foram restauradas e envernizadas; dezenas de estantes de ferro foram adquiridas. O Arquivo foi dotado de servidores e estrutura para o seu funcionamento.

Lenine Póvoas conta que enviou a diretora Vera Randazzo ao Arquivo Nacional do Rio de Janeiro para instruir-se sobre os procedimentos técnicos arquivísticos, e que conseguiram com o diretor da instituição, Raul Lima, a doação de 1.800 caixas metálicas para o correto acondicionamento de documentos.

E claro, série de fotografias de antes e depois deste processo de organização, tinham o objetivo de garantir o registro do trabalho monumental realizado.

Para completar o trabalho, Lenine Póvoas nos conta que, com a preocupação de evitar constantes mudanças, procurou construir uma sede própria para o Arquivo junto a Secretaria de Estado de Administração, no Centro Político Administrativo.

Na presidência da Fundação Cultural, Lenine Póvoas editou o “*Catálogo de Documentos Históricos de Mato Grosso*”, elaborado por Vera Randazzo, que atesta o “*alto nível de organização e de pesquisa*” alcançado pelo Arquivo Público de Mato Grosso, à época.

As gestões seguintes buscaram a modernização dos processos, a exemplo da implantação da microfilmagem dos documentos. Hoje essa tecnologia está sendo substituída por *scanners* dedicados que fotografam os documentos e brochuras encadernadas e os organizam, em melhor resolução e coloridos, em arquivos sequenciais no formato PDF, mais fáceis de pesquisar e com grandes possibilidades de ampliação, o que facilita, e muito, a transcrição e interpretação de muitos documentos.

Atualmente, a Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso tem como missão “*promover a gestão e o recolhimento dos documentos permanentes, de valor histórico, produzidos pelo Poder Executivo Estadual, preservar e facilitar o acesso aos documentos sob a sua guarda e elaborar, acompanhar e implementar a política estadual de arquivos e de protocolos*”.

A Superintendência de Arquivo Público hoje em sede própria na Avenida Getúlio Vargas, dispõe de uma Biblioteca de apoio a pesquisadores especializada em Mato Grosso (com livros, publicações oficiais, monografias, dissertações, teses); uma Hemeroteca (com diários oficiais, Diário de Justiça e diversos jornais) e como Acervo, a documentação oficial do Estado, desde a criação da capitania de Mato Grosso,

com rico acervo de manuscritos a partir do século XVIII, passando do Período Colonial, pelo Império e República. Dispõe também de acervo cartorial, acervo fotográfico, acervo de jornais em microfilme. Tudo catalogado e arranjado segundo as Normas Brasileiras de Descrições Arquivísticas.

A digitalização do seu acervo documental e sua disponibilização para pesquisa deve ser o grande e atual desafio da Superintendência de Arquivo Público de Mato Grosso.

### Memória e História engendram a Literatura

O subtítulo do livro é “*testemunho ocular da história*”. Esse testemunho inventaria as firmas de navegação, as casas comerciais, como era a celebração da Semana Santa... As fotos mostram o interior da Matriz antiga, os navios que faziam o trajeto pela Baía do Prata. A descrição da viagem de trem para São Paulo ou Rio de Janeiro. Quais eram os blocos Carnavalescos. Quem esteve no Congresso Eucarístico de 1952 e até qual o trajeto da procissão...

O livro tem declaradamente um testemunho historiográfico e uma narrativa das experiências pessoais. Muitas vezes ambas se confluem num só testemunho. É como se Lenine ao mesmo tempo desse uma visão como historiador (documentando os detalhes sociais) e outra como literato (descrevendo suas experiências pessoais). Ao mesmo tempo descreve todos os vapores que faziam a navegação (se eram a lenha ou a óleo diesel, quantos quartos havia em cada um deles) e a experiência do jovem fazendo a viagem.

A leitura tem o condão de atualizar as narrativas, e o tempo do narrador se faz presente na imaginação do leitor. Ao lermos “*Cuiabá de outrora – testemunho ocular de uma época*” somos colhidos num redemoinho do tempo em que três tempos se confluem: o tempo narrado, o tempo da escritura e o tempo da leitura. Redemoinho é um termo muito melhor que encruzilhada ou espiral. Primeiro porque o redemoinho tem a tridimensionalidade e, segundo, porque o termo redemoinho tem mais a ver com o vento, o tempo e

o rio que governa a maior parte das lembranças do menino Lenine no bairro do Porto.

Há também três narrativas simultâneas e sobrepostas no livro. A primeira é a do Lenine de Campos Póvoas historiador e pesquisador do IHGMT, Presidente da AML, que irá apurar outros testemunhos, compilar documentos e descrever minuciosamente os tipos de embarcações que faziam o trajeto fluvial Cuiabá – Corumbá, ou detalhar todo o calendário das festividades dos 250 anos de Cuiabá em 1969. Este primeiro lado narrativo é o que permite ao autor coligir informações anteriores até à época de seu nascimento como as do Álbum Gráfico de 1914, a história da formação de Cuiabá na mineração, a influência platina nos hábitos da velha Cuiabá (inclusive a de sentar em cadeiras à porta de casa).

A segunda trama narrativa é a do Lenine Póvoas adulto, que narra suas experiências e vivências na política, no Congresso Eucarístico de 1952 (quem veio e até qual foi o trajeto da procissão), no Encontro de Geógrafos em 1952, nas conversas com o Cel. Gurgel (de onde se extrai o curioso caso dos “*Ladrões do Fuso Horário*” contra a loteria de Mato Grosso, cuja extração se dava no Rio de Janeiro). Desperta até aquela pontinha de curiosidade em saber os nomes dos “felizes” ganhadores que o Cel. Gurgel confidenciou ao amigo Lenine Póvoas.

A terceira camada da trama narrativa é a do menino Lenine, que jogava futebol à sombra dos tarumeiros do Porto, que durante as viagens fluviais sabia de cor os toques dos apitos das embarcações, que na passagem do barco pela Uacurutuba (onde a vegetação pantaneira era mais cerrada e as margens do rio ficavam bem próximas ao barco) o menino esticava o braço para tentar tocar a magia do ecossistema pantaneiro. Uacurutuba, cujo encantamento originário ainda persiste em seu nome e nem o contemporâneo Google oferece uma tradução satisfatória para os seus mistérios.

Impossível não nos impressionarmos e ficarmos preocupados com o episódio em que o cabo de aço da “barca

pêndulo” se rompe na travessia do Rio Cuiabá, e a balsa escapa rio abaixo em plena época das cheias. Vale a pena transcrever

A barca vinha da margem direita (do “outro lado do rio”, como se dizia), para o lado de cá, trazendo muitas meninas que estudavam no Grupo Escolar Senador Azeredo, com seus uniformes de saias vermelhas e blusas brancas. E, a alturas tantas, rodou...

Procurou-se uma lancha para trazê-la de volta, rebocada, como se fazia nessas emergências.

Não foi fácil encontrar-se, de momento, a lancha rebocadora, e dessa vez o passeio dos passageiros da barca, rio abaixo, foi mais demorado que de outras... Quase ao meio dia chegaram todos, sãos e salvos, inclusive as garotas que deveriam ter ido às aulas do “Senador Azeredo” e que assim tiveram uma manhã bem mais divertida...

Tudo isso fazia parte da poesia e do encantamento de uma pacata cidadezinha de pouco mais de trinta mil habitantes, na qual quase todos se conheciam, todos se estimavam e na qual o espírito de solidariedade era uma realidade. (PÓVOAS, 1983, p. 34).

Este pequeno trecho é bem revelador dos níveis narrativos que apontamos. Ressalte-se a riqueza de detalhes (como o das cores dos uniformes percebidos à distância e ao mesmo tempo colocando os leitores na barca pêndulo, fazendo o ponto de vista do leitor ficar ao mesmo tempo na margem – observando – e na balsa – em risco). O valor de criação de suspense apelando-se para o simples recurso das reticências nos momentos mais significativos... A lembrança de um cotidiano de aventuras ao se apontar para um corriqueiro “*como se fazia nessas emergências*”. E no último parágrafo o maravilhamento de uma poesia coletiva que era vivida e experimentada comunitariamente. Quem dera essa Cuiabá de outrora agora!

Destaquemos também os relatos sobre o esporte: quais eram os times, os campos, os craques, os embates “Clássicos”

e a rivalidade saudável Porto vs Cidade. As descrições dos cenários políticos (sem dúvida transparece o fascínio do autor pelo Governador Mário Corrêa da Costa), o período dos Interventores e a figura de destaque de Júlio Müller. As figuras populares e a experiência jornalística. Ficamos sabendo até que os “Mata-Mosquitos” batiam de casa em casa para furar as latas no quintal evitando a proliferação de doenças e pragas. Neste sentido não mudamos muito!

O mais fascinante, contudo é a Cuiabá que emerge aos olhos do menino Lenine. Toda crônica final é um retrato imaginário com a força da memória a condensar todas as recordações e evocações como se tudo coubesse no instante de um pensamento, na brevidade de uma página. A cena descrita só pode acontecer no Porto, ao som dos sinos da Igreja de São Gonçalo em que cada badalada ressoa fundo na alma e na memória. Porque o sonho não ocupa espaço, mas nele cabe todo o tempo do mundo. E até a Cuiabá de outrora.

## Referência

PÓVOAS, Lenine C. *Cuiabá de outrora: testemunho ocular de uma época*. São Paulo: Ed. do Autor; Resenha Tributária, 1983.